

Discurso, negação e preconceito: bolivianos em São Paulo

Szilvia Simai e Rosana Baeninger

“A negação é uma forma discursiva de expressão e repressão do que é proibido socialmente (FREUD, 1950). Consiste em uma forma de discurso usada, habitualmente, na comunicação diária (BILLIG, 1997), tornando-se a maneira mais marcante, na contemporaneidade, para lidar com atitudes, afirmações, pontos de vista, ações e políticas que são condenadas moral e ideologicamente (BILLIG, 1997).” (p. 197).

É neste contexto que surgem negações do racismo e da xenofobia, embora tais fenômenos estejam submersos nas sociedades:

- Brasileiros falando sobre bolivianos:

a) Representações sociais positivas e negativas da imigração boliviana: Tornou-se evidente, a partir de entrevistas obtidas, a predominância dos aspectos negativos acerca dos imigrantes bolivianos e suas condições de vida. Há uma ênfase negativa sobre estes imigrantes. A pobreza, o sofrimento e a semiescravidão expressam o imaginário social brasileiro sobre este grupo, “delimitam o ‘outro negativo’ e o ‘nós positivo’, através da concepção de estrangeiros moralmente não aceitáveis, violentos e agressivos, diferentes dos brasileiros.” (p.198).

A construção social negativa é, contudo, contrabalançada pela representação cultural (positiva) daqueles imigrantes, como forma retórica da negação do racismo. Os bolivianos são, para os brasileiros, um “outro” exótico culturalmente rico, mas economicamente pobre.

b) Brasil, terra de imigrantes: auto- representação positiva: Há uma construção do brasileiro sobre si mesmo como sendo permissivos, receptivos e compostos por uma diversidade de nacionalidades. “A auto- representação positiva é fundamental para a negação do lado ruim do ‘nós’ e do lado bom do ‘outro’; mostra a tendência de depreciar o outro e elogiar e glorificar a própria história, experiência e passado.” (p. 200).

c) O imigrante brasileiro lá fora: “Projetar-se no lugar do imigrante é um movimento retórico estratégico de negação do racismo na imigração, denominado de contra-ataque (VAN DIJK, 2002); o sujeito é invertido em narrativas semelhantes a

esta: não é que estejamos excluindo ou sendo racistas, nós também somos vítimas. Sofremos de racismo e exclusão em todo lugar.” (p. 200).

d) Estigma socioeconômico dos imigrantes: Considera a desvantagem econômica de um grupo minoritário, usando-a para negar o lado racista submerso na sociedade. A ênfase cai sobre o fato dos brasileiros estarem, igualmente, sofrendo de tal discriminação socioeconômica no país e, portanto, nada teria a ver com raça ou nacionalidade. De outro lado, a questão da raça emerge, mas junto a ela vincula-se o fato de que a questão desaparece se o nível socioeconômico for elevado.

- Bolivianos falam sobre suas experiências de morar em São Paulo:

a) Discriminação interna: É uma forma de favoritismo fora do grupo. A tendência que aparece, constantemente, nas entrevistas com bolivianos é a valorização positiva do grupo externo (brasileiros, no caso) e comentários negativos em relação ao intragrupo (bolivianos).

“A identificação interna e positiva ao grupo imigrante somente ocorre quando se delineiam perfis sociais, econômicos ou culturais de maior status, delimitando quem pertence àquele intragrupo (JOST & BURGESS, 2000). Desse modo, pode-se reconhecer – entre os imigrantes bolivianos – o favoritismo intragrupo de profissionais liberais bolivianos, que excluem os próprios bolivianos pertencentes a outros subgrupos.” (p. 204).

b) Baixa autoestima

c) Autorretrato positivo: Resulta na negação dos problemas, gerando um autorretrato exclusivamente positivo. Para alguns entrevistados, falar a verdade sobre seus problemas enquanto imigrantes criaria obstáculos a um bom relacionamento. Há a crença de que, se alguém se apresenta como uma pessoa que quer estudar, isso resultaria em uma imagem positiva. Migrantes econômicos, por sua vez, possuem uma conotação negativa já que são associados à pobreza e problemas.

d) Efeito terceira pessoa: “O efeito terceira pessoa produz otimismo irrealista e impactos impessoais, sendo esse alívio psicológico a essência dessas formas retóricas. Assim como todas as formas de negação, isso faz as pessoas recusarem a realidade”. (p. 206).

Daniel Edgardo